

Vestido de noiva: um dia de “cinderela”. Análise da indumentária como artefato cultural em fotografias de casamentos

Wedding dress: a “cinderela” day. Analysis of clothing as a cultural artifact in wedding photographs

DOI:10.34117/bjdv8n5-003

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

Solange Marilene Melchior do Prado

Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (PROFLETRAS) pela Unioeste

Instituição: Unioeste

Endereço: Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Lot. Universitário das Américas, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

E-mail: soll_aa@hotmail.com

Marcia da Luz Leal

Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento

Instituição: Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Endereço: Rua Venâncio Smania, 960, Centro, Santa Terezinha de Itaipu, PR, Brasil

E-mail: marcia_lleal@yahoo.com.br

RESUMO

De caráter bibliográfico e exploratório, o presente texto expõe um estudo de caso a partir da análise de fotografias de indumentárias (vestidos de noiva), como artefato cultural e patrimonial usado como referência, construído pelo ser humano. Manifesta uma interpretação das representações simbólicas destes vestidos e seu espetáculo feminino, exposto no decorrer da história. A pesquisa desenvolvida na disciplina de Memória, identidade e patrimônio cultural: diálogos e fronteiras, do Programa de doutoramento da Unioeste. Realizada por meio de entrevistas a mulheres do círculo de amigas da autora, que relatam suas memórias pessoais, e disponibilizam suas fotografias pessoais e do círculo de suas amigas da autora, sendo estas imagens situadas no campo da memória de família, cruzando ocorrências das histórias destas noivas. Acompanham as fotos um resumo biográfico e narrativo, realizado em entrevistas, que descrevem os aspectos pessoais e sociais do papel destas mulheres no seu tempo e lugar, a fim de apresentar a importância dessa memória eternizada na fotografia do dia do casamento. Outro objetivo importante da pesquisa é refletir sobre a relação da roupa com a memória, destacando o vestido de noiva do século XX, inserido em uma sociedade cristã. Os autores que embasam a pesquisa são: Mary Del Priori, Bordieu e Chartier. As fotografias das indumentárias nesse artigo, traduzem a eleição do gosto de uma época, reforçam uma memória que muitas, ao abrirem suas caixas, sentiram-se felizes em lembrar, destacando os detalhes deste dia de “Cinderela”, marcado em suas vidas, independentemente de ainda estarem felizes ou não.

Palavras-chave: fotografias, noivas, indumentária, identidade.

ABSTRACT

With a bibliographic and exploratory character, this text presents a case study based on the analysis of photographs of outfits (wedding dresses), as a cultural and heritage artifact used as a reference, built by human beings. It expresses an interpretation of the symbolic representations of these dresses and their feminine spectacle, exposed throughout history. The research developed in the discipline of Memory, identity and cultural heritage: dialogues and borders, of the Doctoral Program at Unioeste. Conducted through interviews with women from the author's circle of friends, who report their personal memories, and make their personal photographs available and from the author's circle of friends, these images being located in the field of family memory, crossing occurrences of the stories of these authors. brides. The photos are accompanied by a biographical and narrative summary, carried out in interviews, which describe the personal and social aspects of the role of these women in their time and place, in order to present the importance of this memory immortalized in the wedding day photography. Another important objective of the research is to reflect on the relationship between clothing and memory, highlighting the 20th century wedding dress, inserted in a Christian society. The authors that support the research are: Mary Del Priori, Bordieu and Chartier. The photographs of the clothes in this article, translate the choice of the taste of an era, reinforce a memory that many, when opening their boxes, felt happy to remember, highlighting the details of this “Cinderella” day, marked in their lives, regardless whether they are still happy or not.

Keywords: photographs, brides clothing, identity

1 INTRODUÇÃO

De caráter bibliográfico e exploratório, o presente texto expõe um estudo de caso a partir da análise de fotografias de indumentárias (vestidos de noiva), como artefato cultural e patrimonial usado como referência construído pelo ser humano. Ademais, manifesta uma interpretação das representações simbólicas destes vestidos, como também seu espetáculo feminino, exposto no decorrer da história. A pesquisa foi desenvolvida na disciplina de Memória, identidade e patrimônio cultural: diálogos e fronteiras, do Programa de Pós-graduação da Unioeste, e realizada por meio de entrevistas a um grupo de mulheres do círculo de amigas da autora, que relatam suas memórias pessoais.

No primeiro momento, elenca-se as representações produzidas sobre a temática, no tempo e no espaço, além de suas análises a partir das pesquisas da historiadora Mary del Priori (1997), *História das Mulheres no Brasil*. Em seguida, propõe-se uma breve discussão sobre a temática abordada, apresentando conceitos de casamento, representações simbólicas, cores de vestidos e a metáfora da Cinderela. As discussões acontecem na perspectiva de autores como, Bourdieu (2007), em *“Poder Simbólico”*, bem como das representações e significados das indumentárias, nos conceitos a partir de

Chartier (2002), da invenção das tradições de Hosbsbawn, a história das mulheres de Mary Del Priori, e ainda de outros autores que abordam o tema.

Convém ressaltar que, para a análise foram utilizadas fotografias do acervo pessoal da autora e do círculo de suas amigadas, sendo estas imagens situadas no campo da memória de família, cruzando ocorrências das histórias destas noivas. Nesse sentido, acompanham as fotos um breve resumo biográfico e narrativo, realizado em entrevistas, os quais pretendem descrever os aspectos pessoais e sociais do papel destas mulheres no seu tempo e lugar, a fim de apresentar a importância dessa memória eternizada na fotografia do dia do casamento. Outro objetivo importante da pesquisa é refletir sobre a relação da roupa com a memória, destacando o vestido de noiva do século XX, inserido em uma sociedade cristã.

Logo, ilustram, a data das fotografias das noivas, algumas características de suas roupas usadas no dia do casamento. Com efeito, o exercício de observação destas fotografias coloca a imagem dessas mulheres como evocação da efemeridade da condição humana, nas sociedades modernas, inclusive a promessa não cumprida pela fotografia de uma memória que não poderia sobreviver para além do trânsito instantâneo do passar do tempo.

2 SOBRE CASAMENTO E OUTRAS PROVIDÊNCIAS, UM POUCO DE HISTÓRIA

O estudo das práticas vestimentares está relacionado com o tempo histórico, condições econômicas, culturais, geográficas, modos de produção, pensamentos, organização social e representações simbólicas da sociedade. Hábitos sociais e suas relações com os espaços de vivência e seu reflexo nos hábitos de vestir evidenciam o caráter histórico do vestuário. A indumentária - o traje e seus acessórios – é um documento fundamental para o estudo das formas vestimentares, “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES, 1983, p. 112).

O autor destaca que em Latim o verbo *casar* apresentava dois significados. Para o homem, significava “conduzir a mulher (para casa), comandar”; enquanto que para a mulher significava “cobrir-se com um véu, velar-se, recolher-se, ocultar-se” (cf. BRANDÃO, 1999b, p. 222; 1993, p. 72-74).

Muitos estudiosos brasileiros se debruçam na atualidade, descrevendo a história das mulheres, em especial a historiadora Mary del Priori, que em inúmeras obras

publicadas no decorrer de suas pesquisas, apresenta a trajetória e a desconstrução da ideia de mulher no Brasil, em especial os estudos voltados para o itinerário da mulher e seu papel na sociedade, na família e no casamento.

A autora, em sua obra “História das Mulheres no Brasil” (1997), nos demonstra uma pesquisa sobre casamentos, no interior do sertão nordestino, transcritos em livros de memórias e diários do século passado. Relata a mesma que os pais nesta época eram os responsáveis em propiciar festas e saraus, cuidando para manter os laços de amizade e o patrimônio territorial.

Segundo Piori (1997), o período colonial, apesar de não haver tantas fontes oficiais para pesquisa, foi bastante influenciado pelos dogmas da Igreja Católica Europeia remanescentes, dos séculos 12 e 13, sendo o casamento considerado o espaço exclusivo para a procriação.

Historicamente, no período intitulado Brasil colônia, os maridos tinham poder marital, controlavam as finanças e propriedades, os “dotes”, as heranças herdadas pelas esposas depois do casamento.

Outro ponto importante é que havia punições rigorosas para os homens que engravidassem as moças à força. Eles eram obrigados a casar ou a indenizar a “virgindade perdida”. Casos inversos também eram comuns: aproveitando-se de jovens ricos, moças pobres provocavam a gravidez para arrancar-lhes uma boa soma de dinheiro que lhes permitissem, mais tarde, casar com quem quisessem.

Nas considerações de Bazanezi (1997), em seu texto, “Mulheres dos anos dourados”, o mesmo destaca: “A filha mais velha deveria casar-se primeiro, muitos cuidados, pouca exposição a só para evitar contatos sexuais, já que na época a virgindade da moça era vista como primeira condição”.

De fato, é comum o registro de que casamentos sem o consentimento da família tornava as mulheres destituídas do seio familiar, pois esta atitude significava uma afronta. Já os casamentos consentidos pela família eram vistos como “benção”, acompanhados de festas regadas a muita fartura, e que poderia durar vários dias. Porventura, Bazanezi (1997,) enfatiza: “Comadres ajudavam no aviamento de roupas, chapéus,(...) senhoras sentavam-se para bordar em conjunto, as roupas da noiva, era como se cada ponto, cada enfiada da agulha fosse acompanhada de um sentimento de realização, de algum ritual antigo que se escondia na memória de cada uma”.

Nos relatos apresentados pelas autoras, aqui nomeadas, é notória a importância dada ao dia do casamento e a indumentária da noiva, o momento sagrado na veste, no

cenário, nos adornos, fosse postulado da união e que elenca a noiva como o selo principal de todas as expectativas de quem assiste ao ritual do casamento.

Indubitavelmente, o vestido branco significava a pureza da noiva, sua virgindade. No Brasil colonial, essa questão importava apenas para as noivas da elite, que além da virgindade levavam como dote, terras e escravos para o noivo. Nas grandes famílias patriarcais a “honra imaculada” da mulher era prezada porque garantia que o patrimônio não seria dividido entre filhos legítimos e ilegítimos, toda a riqueza iria só para os filhos que tivesse com o marido. É importante salientar que, o vestido de casamento, quando não era branco, por motivo de escolha pessoal ou por gravidez fora de hora, utilizava a outras duas cores: o rosa bebê, suave, ou o azul celeste, um pálido ou como chama-se na linguagem de moda, tom pastel. Ressalta-se também que ambas as cores usadas como alternativa pela negação do branco são comuns em representações da Virgem Maria.

Ainda no mesmo período, segundo a historiadora Mary del Priori (2013), o namoro acontecia nas praças, nos bailes, nas praias, nos quintais de casas e também na igreja. Ademais, trocar pisadelas era um gesto de afeto. As igrejas eram escuras, iluminadas apenas com a luz de velas, com chance para namoros mais avançados. Como hoje, as juras de amor e o hábito de dar e receber presentes faziam parte do namoro. Os presentes contemplavam tecidos caros, que quase não existiam no Brasil, fitas de veludo e chamalote, até utensílios domésticos e frutas. Surpreendentemente, era possível listar corações de ouro, brincos de coral, coifas de tecido, para os mais ricos.

Em suma, arrastado por esta esteira, o casamento, uma das instituições mais antigas da sociedade, permanece levando todos os dias em algum canto do mundo, milhares de noivas ao altar. Essa condição feminina permanece no imaginário como um dia de princesa, de “Cinderela”.

De acordo com Prado (2017,p.176), a heroína “dona” de uma beleza ímpar, envolta em misticismo que transcende o físico, o corpo, mostrando-se também em seu caráter. (...) Na história da Cinderela os sofrimentos e esperanças são vivenciados pela jovem sonhadora; no final pode viver seu conto de fadas.(....) No clássico conto de fadas, a cinderela é uma personagem que sonha em encontrar seu príncipe encantado e ser feliz.

As imagens que se seguem e exemplificam o que se deseja nelas olhar, foram produzidas em décadas diferentes, fazem parte do acervo da autora, de seu círculo de amizades e também familiar. Algumas mulheres ainda vivem, mas a condição de jovens esposas já se extinguiu: apenas uma não vive mais, a avó da autora, as demais são viúvas, separadas ou ainda casadas, conforme pode-se ler nas descrições das fotografias. Foram

selecionadas porque exemplificam um método de análise e servem para reiterá-lo na sua funcionalidade, também porque ilustram a melancolia, a felicidade velada ou explícita, da efemeridade da condição humana nas sociedades modernas e a promessa não cumprida pela fotografia de uma memória que poderia sobreviver para além do trânsito inestancável do passar do tempo.

Na sequência há a descrição de algumas noivas, com seus respectivos vestidos e principais fatos ocorridos no dia do casamento:

2.1 SOLANGE

Figura 1 – Noiva Solange



FONTE: Acervo da autora.

O casamento aconteceu em outubro de 1983, às 11 horas da manhã, em Cascavel/Paraná. Foi uma cerimônia simples na igreja, seguido de um almoço no salão paroquial, organizado pelos pais da noiva, pois era uma tradição na família .

O vestido foi comprado na “Casa das Noivas”, era totalmente branco com bordados, manga longa e véu curto, com grinalda que combinava com o buquê de flores artificiais. O modelo foi escolhido pela noiva e sua mãe. Entretanto, os pais não sabiam da gravidez da filha, caso soubessem não teriam permitido tal afronta e muito menos o gasto com a indumentária, branca, somente permitida às moças que se casavam virgens.

A noiva casou-se jovem, com apenas 17 anos, no dia foi cedo, exatamente às 6h da manhã para o salão paroquial, com a intenção de auxiliar na confecção do almoço

que seria servido aos convidados, o qual ocasionou um atraso na chegada da igreja. A indumentária permaneceu com a noiva, guardada por muitos anos até se perder em uma de suas mudanças (19). Solange é professora da Rede Estadual do Estado do Paraná, residente em Santa Terezinha de Itaipu e é mãe de quatro filhos.

Nessa perspectiva, na literatura brasileira no período denominado Romantismo, muitas são as narrativas que trazem a apresentação da temática. Um exemplo é a obra "Senhora", de José de Alencar (2010). Na parte intitulada "O preço do casamento", o autor começa descrevendo uma jovem moça chamada Aurélia, rica e frequentadora de bailes da alta sociedade. Aurélia, sendo órfã e recebedora de uma grande fortuna, acreditava que todos só se interessavam por ela por causa de sua beleza e do seu dinheiro. Em um baile de costume, Aurélia começou a se questionar sobre sua educação e seu destino. Então, escreveu uma carta ao Sr. Lemos dando-lhe a missão de arrumar seu casamento com o atual noivo de Adelaide Amaral, o Fernando Seixas. Seixas era pertencente a uma família de situação pouco favorável e pretendia arrumar um casamento com uma moça rica para oferecer melhores condições para sua mãe e suas irmãs, e também para seus luxos. Lemos faz a proposta de casamento a Seixas, que mesmo sem conhecer a noiva, recebe um adiantamento do alto dote e aceita o compromisso. Na noite de núpcias, Aurélia chama seu então marido de homem vendido.

O casamento apresenta-se em diversas sociedades como um rito que reveste-se de grande prestígio (rito de passagem), e dada a sua importância, ao seu caráter de união para o começo de uma nova vida, era considerado um evento, no qual os envolvidos consideram-se dignos de memória. Assim, entende-se que é o momento sagrado na veste, no cenário e nos adornos, na aparência das coisas.

2.2 ROSÂNGELA

Figura 2 – Noiva Rosângela.



FONTE: Acervo da autora.

Casou-se em setembro de 1991, em um dia lindo de primavera. Relata que seu vestido foi uma escolha muito especial, um objeto único que retrata o estilo e a personalidade da noiva. A escolha, causou muita empolgação, pois ela seria a estrela que brilhou neste dia. Pesquisou em muitas revistas e lojas, após, foi então, montando essa indumentária que a representasse nesse dia tão importante. O vestido foi confeccionado em Maringá/PR, especialmente para ela, foi ajustado ao formato de seu corpo, com muitos bordados e pedrarias, o véu era curto, o sapato e o buquê foram bordados com as mesmas características do vestido. A noiva escolheu o mesmo sozinha, haja vista que foi surpresa para todos os familiares. Rosângela está casada há mais de 30 anos e acredita que o casamento é algo que marca a vida de uma mulher.

Conforme Brandão (1999b, p. 222), na etimologia latina, a palavra “casar” significava, para a mulher, “cobrir-se com véu”. Historicamente, tudo indica que o uso

do véu seria uma referência a Vesta, deusa mitológica virgem que, entre os romanos, era a protetora do lar, simbolizava a pureza e a perfeição.

Na verdade, as palavras pureza e perfeição estão relacionadas a esse dia, cujo foco está centrado na figura da noiva e de sua indumentária. Um vestido nupcial carrega, entre seus bordados, anáguas e acabamentos, valores e pudores da sociedade que o está trajando, desvelando o fato de que a vestimenta é permeada de imaginários.

De acordo com Priori (1997), a noiva recebia uma camisola coberta de bordados, na manhã seguinte, tinha que exibir as marcas de sangue, comprovando sua virgindade. Sabe-se também que as pessoas tinham várias crenças em relação ao dia do casamento, uma delas era de que não aconselhava-se casar-se no dia de Sant'Ana, pois a noiva poderia morrer de parto.

Desse modo, a roupa é capaz de despertar e provocar sensações para além de sua materialidade e utilidade, graças ao seu papel como objeto de memória social que nem sempre está ligada à memória individual. Assim, somos sujeitos sociais, apesar de termos memória, agimos coletivamente.

Ainda conforme Brandão (1993, p. 307-308), confirma-se que as Vestais, sacerdotisas da deusa virgem, trajavam uma túnica branca, e tinham a cabeça coberta com um véu, que lhes caía até o ombro. Durante a manhã que antecede o casamento, a noiva não poderia ajudar na cozinha, matando e preparando animais, nem sair de casa, exceto para ir à igreja, sem olhar para trás no caminho. Ao voltar para casa depois da cerimônia, o casal era recebido com foguetório e cantos de alegria. Finalmente, uma grande comilança encerrava as bodas.

2.3 LENIR

Figura 3 - Noiva Lenir.



FONTE: Acervo da autora.

O matrimônio ocorreu em junho de 1988, em uma tarde fria de inverno, na cidade de Realeza, no Paraná. Naquela época, não era muito comum alugar um vestido, as noivas, normalmente, os compravam em lojas especializadas. Relata a noiva que este vestido era de sua tia, que havia casado anteriormente e a emprestou, trocando somente a tiara e usando flores naturais no buquê.

Com efeito, alega que a indumentária ficou mais satisfatória nela do que na tia. No dia do casamento na igreja, havia mais de uma noiva no mesmo horário. A recepção foi simples e com poucos convidados. Lenir reside em Santa Terezinha de Itaipu e está casada há 33 anos.

Constata-se ainda que, as mudanças mais significativas das indumentárias das noivas em relação às formas, começaram a despontar por volta de 1909, a partir da suavização imposta pelo espartilho.

3 “CINDERELAS” SEM O FELIZES PARA SEMPRE

Como uma Cinderela que passa por uma transformação, a indumentária da noiva apresenta características distintas, pois são influenciadas pelos mais diversos fatores

culturais, tendências de moda da sua época, no entanto, alguns elementos essenciais se mantêm: véu, grinalda, buquê e luvas são alguns deles.

3.1 LYRA MAGDALENA

Figura 4 – Noiva Lyra.



FONTE: Acervo da autora.

Casou-se em 1936, na cidade de Sobradinho, localizada no Rio Grande do Sul. O casal teve 10 filhos. Nessa época o Brasil estava sob o regime da Ditadura Militar, no governo de Getúlio Vargas. O noivo foi convocado para o exército, logo após o casamento, fato que ocasionou muito sofrimento a esposa, pois teve que voltar para casa dos pais e trabalhar como doméstica para alimentar os dois filhos do casal.

A indumentária da noiva era simples, feita em casa mesmo, chama à atenção porque não há o buquê nas mãos da noiva. Na foto, ela está com os braços cruzados, aparentando uma posição de contestação ou negação. Nesse período, era comum o uso de mangas longas e silhuetas ajustadas, mas o corpo totalmente coberto, valorizando a simplicidade no período entre guerras.

Em 1976, Bourdieu publicou uma pesquisa intitulada “Anatomia do gosto”, nessa obra o autor e sua equipe, tentaram explicar e discutir a variação do gosto (gosto legítimo – próximo aos grupos dominantes ou ao gosto ilegítimo próximo ao gosto popular), como

também a variação das práticas culturais (práticas relativas à alimentação, vestuário, mobiliário, lazeres, hobbies, entre outras), nos segmentos sociais.

O sociólogo considera, portanto, o mundo social recortado por segmentos grupais diferentemente posicionados, caracterizados por diferentes gostos, práticas ou estilos de cultura. O espaço social tenderia a funcionar, para Bourdieu (1979), como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida diferenciados. Assim, as distâncias espaciais entre os grupos seriam equivalentes às distâncias sociais. As distinções de gosto ou de estilos significaram mais do que uma simples diferença, e seriam reveladoras de uma hierarquização e separação entre os grupos com distintas posses de capital ou recursos valorizados no mundo social. (BOURDIEU, 1979).

Nesse propósito, a indumentária é portadora de uma ampla gama de significados ideológicos. A linguagem da roupa, comunica mesmo quando se está em silêncio, evidenciando sexo, idade, classe social, estilo e como uma “Cinderela”, a noiva tem seu dia de sonhos.

Nesse sentido, o rito do casamento sempre apresenta uma cerimônia sequencial: a entrada, a celebração e a saída.

3.2 VANUSA

Figura 5 – Noiva Vanusa.



FONTE: Acervo da autora.

Casou-se em 10 de fevereiro de 1999, na cidade de Ramilândia/PR. O vestido foi alugado em Cascavel, no Ateliê de Noivas “Lucinha Silveira”, um dos mais renomados da cidade. Relata a noiva, que era um modelo simples, mas da moda, devido às poucas condições da família. O casamento aconteceu no começo da tarde e foi bem organizado. Vanusa relembra que naquela oportunidade teve seu dia de princesa, foi no salão de beleza e passou o dia se arrumando e ficando mais linda do que já é. Durante sua narrativa, expôs que a correria no decorrer das horas que antecederam a cerimônia foi enorme, inclusive a noite, momento da lua de mel, ambos dormiram, em razão da exaustão e ansiedade, provocando uma enorme frustração. Atualmente, mora em Cascavel, é professora, tem duas filhas e está divorciada.

Na fotografia, observamos Vanusa entregando um buquê de flores para a mãe, com a intenção de homenageá-la pelo carinho e dedicação com sua educação.

A flor é o símbolo do amor e harmonia, também é o símbolo central da virgindade, ou seja, a destruição da virgindade se chama defloração.

Consoante a Bourdieu (1998), a variedade e a heterogeneidade dos múltiplos sistemas de símbolos, pertencentes à moda, seriam uma expressão cultural, isto é, expressão de sentido e/ou de valores dados pelos grupos aos objetos ao longo de suas experiências sociohistóricas.

Em outras palavras, a moda, assim como as práticas de cultura mantêm os indivíduos em comunhão, a partir da transmissão de sentidos. A reflexão de Bourdieu (1998), consiste precisamente em sua abordagem dialética do social. Logo, determinações materiais e simbólicas, numa complexa relação de interdependência agem sobre as estruturas sociais e psicológicas dos agentes e instituições, em situações historicamente contextualizadas.

3.3 CARMEM

Figura 6 – Noiva Carmem.



FONTE: Acervo da autora.

Carmem casou-se com Paulo, no município de Marialva, em 12 de setembro de 1953. A escolha do vestido foi uma sugestão de algumas tias que moravam na cidade, já que ela morava na zona rural. O modelo e tecido foram comprados na “Casa União”, localizada na mesma cidade, e ali mesmo foi costurado. Também foram comprados véu, grinalda e sapatos.

Além disso, a noiva lembrou que também comprou uma combinação, uma espécie de anágua ou forro de saia, objeto muito comum na época em que vestidos transparentes não eram bem vistos. A indumentária foi toda adquirida pelos pais da noiva, pois eles tinham muito orgulho da filha que estava cumprido rigorosamente ostrâmites da época, casando-se na igreja e de branco. O vestido posteriormente foi emprestado a

uma prima que não devolveu a peça, considerada de grande estima. Carmem é mãe da noiva 02, Rosangela, e no momento está com Alzheimer.

Conforme Priori (2013), era comum após o casamento muitas noivas guardarem o vestido, ou reformarem. Em algumas famílias quanto maior a cauda, mais se indicava a condição econômica da família, já o véu está diretamente associado à virgindade.

Convém salientar ainda, que a abordagem do ser mulher, nesse período, passa por toda uma preocupação em ajustar a indumentária feminina, acarretando mudanças substanciais na vida cotidiana. Tal processo definia para as mulheres novos comportamentos, que envolviam a representatividade da mulher, na qual pode ser observada sob o ato de se vestir.

Ainda nos pressupostos de Bourdieu, “as relações objetivas de poder tendem a se reproduzir nas relações simbólicas” (BOURDIEU, 1990, p. 163), o que justifica o tipo de comportamento cotidiano, toda ação que faz parte da rotina dos indivíduos ou dos grupos, toda prática que, compondo nosso dia a dia, explicita um modo de ser e fazer dos agrupamentos humanos.

Nesse sentido, as práticas de cultura podem se enquadrar nas ações mais prosaicas como, por exemplo, as maneiras de se alimentar, de se vestir ou de arrumar o interior de nossas casas; nas escolhas mais extraordinárias, como as relativas à participação em uma associação política, religiosa, artística ou de uma opção de lazer ou de turismo; ou mesmo comportamentos relativos à escolha de um livro para ler, bem como a tendência por uma expressão estética.

Bourdieu (1998) considera, portanto, o mundo social recortado por segmentos grupais diferentemente posicionados, caracterizados por diferentes gostos, práticas ou estilos de cultura. O espaço social tenderia a funcionar, para o autor, como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida diferenciados. Assim, as distâncias espaciais entre os grupos seriam equivalentes às distâncias sociais. As distinções de gosto ou de estilos significavam mais do que uma simples diferença, e seriam reveladoras de uma hierarquização e separação entre os grupos com distintas posses de capital ou recursos valorizados no mundo social.

3.4 DONETE

Figura 7 – Noiva Donete.



FONTE: Acervo da autora.

Esse casamento foi realizado em 1995, o vestido confeccionado na “Casa das Noivas”, de Medianeira/PR. A noiva o usou pela primeira vez e depois ficou disponível para aluguel na mesma loja. É um vestido branco, com detalhes de flores em salmão, bordadas, as quais combinavam com as flores do buquê.

Em evidência, percebe-se que o modelo é um pouco mais curto, deixando visíveis os sapatos. Recentemente, a noiva realizou uma nova cerimônia de “*Bodas de Prata*” na mesma cidade, onde reside com o esposo e o filho.

Na obra intitulada “*Invenção das tradições*”, Hobsbawm (1984) utiliza a expressão “*tradição inventada*”, que pode ser entendida de maneira ampla, como sendo as

práticas regulares de natureza ritual ou simbólicas, que incorporam valores e comportamentos definidos pela repetição. Essa expressão inclui tanto as tradições institucionalizadas quanto aquelas que surgem repentinamente. Ademais, podem ser práticas de natureza simbólica que determinam comportamentos definidos e valores em relação à continuidade do passado.

Sob esse enfoque, o vestuário é sempre significativo e em suas interpretações aproximamo-nos da organicidade da sociedade que o produziu. Afinal, em seus cortes, cores, texturas, comprimentos, exotismo, as roupas oferecem leitura de impressão sobre os corpos, que as transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder.

3.5 ADELAIDE

Figura 8 – Noiva Adelaide.



FONTE: Acervo da autora

No ano de 1978 casou-se Adelaide, bem jovem, com apenas 16 anos. A cerimônia foi realizada no interior. No registro, a fotografia da noiva aparece complementada pelo cenário da família, muito comum a atitude de reunir o parentesco mais próximo para essa tão significativa representação.

A princípio, relata a noiva que o vestido fora desenhado por uma costureira local e trocado por produtos da roça, como melado, queijo, entre outros. Lembra que guardou por muito tempo o vestido em casa, esperando que a filha o usasse futuramente. Passados os anos, a filha na recusa de usá-lo, resolveu fazer a doação. A noiva tem no complemento da indumentária um véu grande e apenas uma rosa vermelha no lugar do tradicional buquê.

Nesse hiato, eventualmente, há controvérsias entre os historiadores sobre quando as noivas começaram a usar branco. Algumas leituras atribuem a rainha da Escócia Mary Stuart, no século XVI, o título de pioneira, outros, a rainha Maria de Médice da França, no século XVII. O fato é que, o vestido branco realmente se popularizou, após a rainha Vitória da Inglaterra, no século XIX, desfilar um modelo de renda feito à mão. Em resumo, ela foi a primeira nobre a casar-se por amor, o que deixa a história ainda mais interessante, e também lançou a moda do véu e do buquê de flores brancas miúdas.

Em culturas orientais, como a China e Índia, os vestidos podem ser vermelhos, simbolizando sorte e sucesso.

Por essa razão, Chartier (2002, p. 66), defende que “não há prática ou estrutura que não seja produzida por representações”. Para o historiador, a representação é o instrumento de um conhecimento imediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é, ou seja, “a relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, sustenta toda a teoria do signo” (CHARTIER, 2002, p.74).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens das mulheres noivas apresentadas em fotografias nesse texto, podem aparecer como evocação de felicidade, podem ilustrar a melancolia, velada ou explícita, as angústias do carrasco do tempo que desmonta a sua maquiagem, ou também da efemeridade da condição humana nas sociedades modernas, pois a promessa da eternidade dos casais, feita pelo juramento do até que a morte os separe, pode ser cumprida pela fotografia.

Nesse ínterim, a fotografia das indumentárias apresentadas nesse artigo, traduzem a eleição do gosto de uma época, reforçam uma memória que muitas, ao abrirem suas caixas, sentiram-se felizes em lembrar, e destacar os detalhes deste dia de “Cinderela” que ficou marcado em suas vidas, independentemente de ainda estarem felizes ou não.

Essas imagens guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu, conforme nos lembra Ana Maria Mauad, “no processo de constante vir a ser, recuperam o seu caráter de presença num novo lugar, num outro contexto e com uma função diferente” (MAUD, 2005).

Sob esse aspecto, livres ou não dos espartilhos, a todas exigiu-se a tradução do que a sociedade do momento impõe à mulher: a concordância com os padrões de seu tempo. Similarmente, todas aqui representadas pelo melhor, celebrada na melhor roupa e momento de sua vida, ornada, distinta, iluminada, vestida para a eternidade, ou seja, a “Cinderela” que no dia do casamento sonha em ter um felizes para sempre com seu príncipe.

Em suma, a história cultural, tal qual entendida por Roger Chartier (1991), pode nos oferecer uma chave para que se entenda a produção de sentido das imagens, a reconstrução das práticas culturais, em termos de recepção, de invenção, de lutas de representações e as diferentes formas de apropriação desses textos não-verbais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. *Senhora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. São Paulo: LTC, 1981.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana grega*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. In: O poder simbólico. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7 a 16
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. In: CHARTIER, R. *À beirada falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- CHARTIER, R. As práticas da Escrita. In: ARFES, Philippe e DUBY, George, Org. *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991,
- CRANE, D. *A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: SENAC, 2006.
- DEL PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. Unesp, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2ed. São Paulo: Planeta, 2013, 303p.
- DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.
- FREYRE, G. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos AS, 1989.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HOBSBAWM, E. Introdução. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.9 -23
- HOBSBAWM, E. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MAUAD, A. M. Na mira do olhar - um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, vol. 13, n.1, 2005. p.113 – 174.

PRADO, S. M. “Cinderelas de Cabelos Brancos” Diante do Espelho: um relato de experiência entre a vida social e a representação literária. In: Fleck, Gilmei Francisco. *Literatura Infantojuvenil: Desafios para o Letramento Literário – pesquisas e experiências no âmbito escolar*. Curitiba: CRV, 2017, p.163.

ROCHE, D. *A cultura das aparências: uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII)*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2007.